

## Caderno de Questões

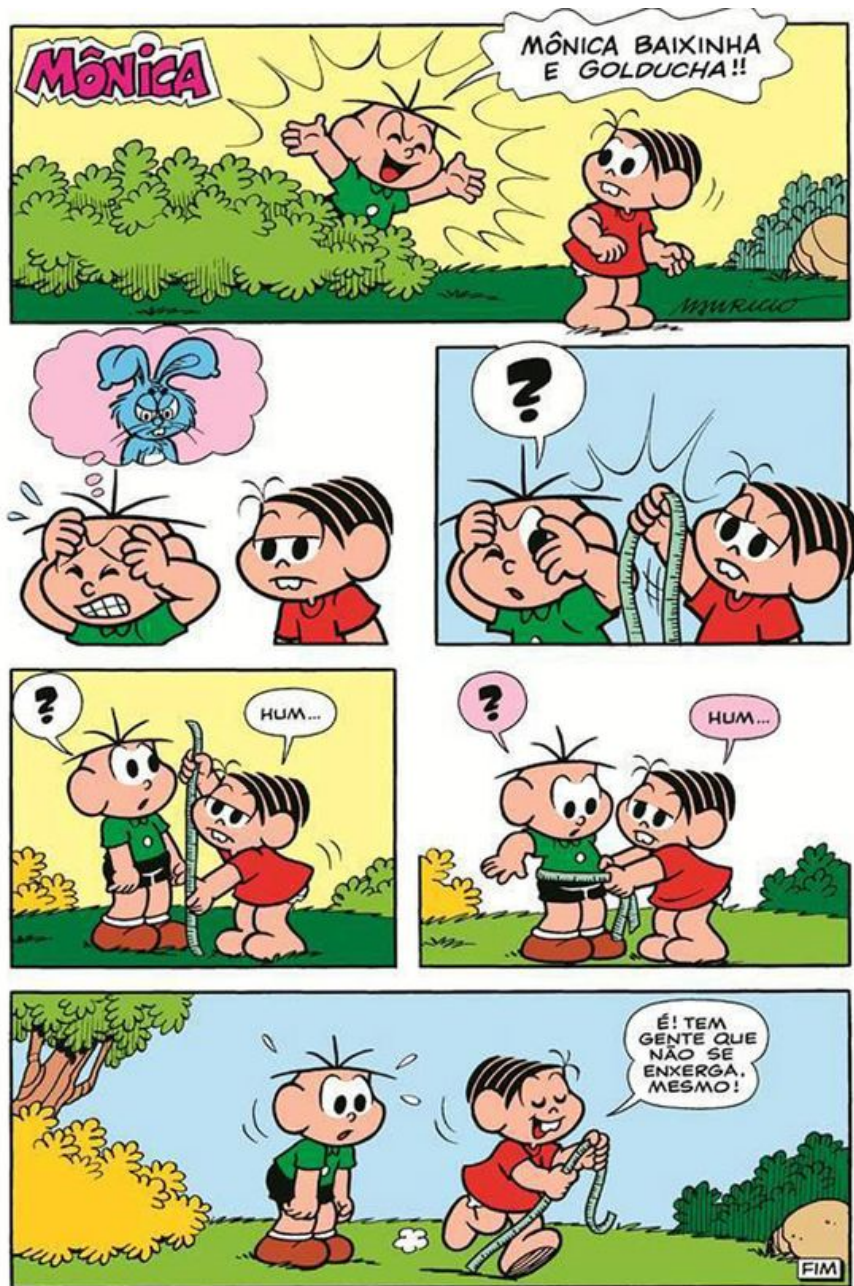
Bimestre	Disciplina	Turmas	Período	Data da prova	P 173002
3.o	Estudos Linguísticos	1.a série	M	12/09/2017	
Questões	Testes	Páginas	Professor(es)		
3 Partes	8	11	Lia / Mila		
Verifique cuidadosamente se sua prova atende aos dados acima e, em caso negativo, solicite, imediatamente, outro exemplar. Não serão aceitas reclamações posteriores.					
Aluno(a)			Turma	N.o	
Nota		Professor		Assinatura do Professor	

## Instruções

1. Leia com atenção as questões da prova.
2. **A prova deve ser feita a tinta** e você deve respeitar os espaços reservados para as respostas.
3. As respostas que estejam incompletas, rasuradas ou que apresentem erros de grafia e de acentuação serão descontadas total ou parcialmente.
4. Procure obedecer às normas da língua culta.
5. É possível destacar a folha de respostas, desde que o cabeçalho esteja preenchido.
6. **Na primeira aula do 4.o bimestre, traga o caderno de questões e o gabarito que será publicado na Internet. Ademais traga impressa ou salva em um tablet a prova corrigida que será enviada a seu e-mail da escola.**

**Parte I: Testes (valor: 2,4)**

Leia a tirinha abaixo para responder ao teste 01.



MAURICIO DE SOUSA - PRODUÇÕES

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/533535887080183883/>

01. Assinale a alternativa **incorreta**.

- O conhecimento prévio sobre os personagens contribui para compreender qual é a expectativa do Cebolinha depois de xingar sua colega.
- A linguagem não-verbal auxilia na compreensão do sentido de "tem gente que não se enxerga mesmo".
- O uso incorreto da linguagem verbal feita pelo Cebolinha faz com que a Mônica não entenda o que ele disse. Por isso, ela não reage de maneira agressiva.
- De acordo com o contexto, pode-se afirmar que a Mônica se incomodou com os xingamentos feitos pelo colega.
- Mônica, com suas ações, sugere que Cebolinha ao ofendê-la não percebia que também apresenta essas mesmas características.

Aluno(a)	Turma	N.o	<b>P 173002</b>
			p 3

02. (ENEM 2.a aplicação 2016) Da corrida de submarino à festa de aniversário no trem, leitores fazem sugestões para o Museu das Invenções Cariocas

*"Falar 'caraca!' a cada surpresa ou acontecimento que vemos, bons ou ruins, é invenção do carioca, como também o 'vacilão'."*

*"Cariocas inventam um vocabulário próprio". "Dizer 'merrmão' e 'é merrmo' para um amigo pode até doer um pouco no ouvido, mas é tipicamente carioca."*

*"Pedir um 'choro' ao garçom é invenção carioca."*

*"Chamar um quase desconhecido de 'querido' é um carinho inventado pelo carioca para tratar bem quem ainda não se conhece direito."*

*"O 'ele é um querido' é uma forma mais feminina de elogiar quem já é conhecido."*

SANTOS, J. F. Disponível em: [www.oglobo.globo.com](http://www.oglobo.globo.com). Acesso em: 6 mar. 2013 (adaptado).

Entre as sugestões apresentadas para o Museu das Invenções Cariocas, destaca-se o variado repertório linguístico empregado pelos falantes cariocas nas diferentes situações específicas de uso social.

A respeito desse repertório, atesta-se o(a)

- desobediência à norma-padrão, requerida em ambientes urbanos.
- inadequação linguística das expressões cariocas às situações sociais apresentadas.
- reconhecimento da variação linguística, segundo o grau de escolaridade dos falantes.
- identificação de usos linguísticos próprios da tradição cultural carioca.
- variabilidade no linguajar carioca em razão da faixa etária dos falantes.

Leia o poema de Manuel Bandeira para responder ao teste 03.

### **Versos de Natal**

*Espelho, amigo verdadeiro,  
Tu reletes as minhas rugas,  
Os meus cabelos brancos,  
Os meus olhos míopes e cansados.  
Espelho, amigo verdadeiro,  
Mestre do realismo exato e minucioso,  
Obrigado, obrigado!*

*Mas se fosses mágico,  
Penetrarias até ao fundo desse homem triste,  
Descobririas o menino que sustenta esse homem,  
O menino que não quer morrer,  
Que não morrerá senão comigo,  
O menino que todos os anos na véspera de Natal  
Pensa ainda em pôr os chinelinhos atrás da porta.*

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

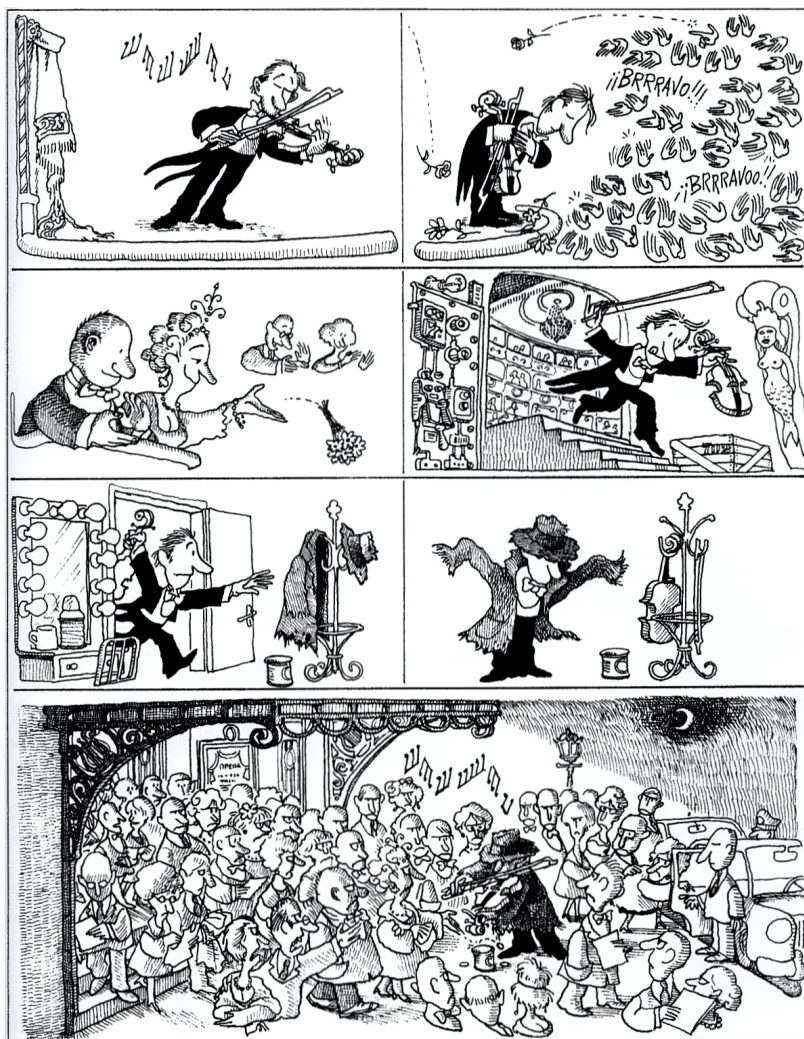
03. Considere as paráfrases do poema:

- I. Quem relata ao outro as marcas da velhice, por ser realista e minucioso, desqualifica e entristece ainda que, sem intenção, as esperanças infantis do outro, as quais são essenciais para que o homem não seja triste.
- II. As marcas da velhice, presentes na face de um homem, não revelam sua maneira de perceber a vida. Mesmo idoso, o homem se fortalece ao acalentar esperanças, ainda que ingênuas.
- III. O eu lírico agradece a minúcia com que o espelho revela os sinais de seu envelhecimento. Contudo, afirma que, se tivesse propriedades mágicas, o espelho identificaria o menino que, esperando os presentes de natal trazidos por Noel, mora dentro dele e o ajudam a se manter firme.

São, respectivamente, o resumo e a síntese do poema \_\_\_\_\_.

- a. as paráfrases I e III.
- b. as paráfrases III e I.
- c. as paráfrases II e III.
- d. as paráfrases III e II.
- e. as paráfrases II e I.

Considere a tirinha para responder ao teste 04.





Aluno(a)	Turma	N.º	<b>P 173002</b>
			p 5

04. Assinale a afirmação **incorreta** sobre a análise da tirinha.

- Embora não se usem palavras na tirinha, por meio dela, transmitem-se não só informações, mas também ideias.
- Retrata-se, ao longo da tirinha, o hábito dos músicos de ora se apresentarem em teatros, ora se apresentarem na rua.
- As reações distintas diante da execução do mesmo instrumentista, em função do contexto em que o músico se apresenta, revela o quão preconceituoso é o público.
- O glamour associado à audição de música clássica muitas vezes atrai um público que, na verdade, é incapaz de avaliar a qualidade da interpretação.
- Um dos elementos que determinou a desqualificação da atuação do violinista, no último quadrinho, é sua vestimenta.

05. (ENEM 2.ª aplicação 2010)

*Quando vou a São Paulo, ando na rua ou vou ao mercado, apuro o ouvido; não espero só o sotaque geral dos nordestinos, onipresentes, mas para conferir a pronúncia de cada um; os paulistas pensam que todo nordestino fala igual; contudo as variações são mais numerosas que as notas de uma escala musical. Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí têm no falar de seus nativos muito mais variantes do que se imagina. E a gente se goza uns dos outros, imita o vizinho, e todo mundo ri, porque parece impossível que um praiano de beira-mar não chegue sequer perto de um sertanejo de Quixeramobim. O pessoal do Cariri, então, até se orgulha do falar deles. Têm uns tês doces, quase um the; já nós, ásperos sertanejos, fazemos um duro au ou eu de todos os terminais em al ou el – carnavaú, Raqueu... Já os paraibanos trocam o l pelo r. José Américo só me chamava, afetuosamente, de Raquer.*

Queiroz, R. *O Estado de São Paulo*. 09 maio 1998 (fragmento adaptado).

Raquel de Queiroz comenta, em seu texto, um tipo de variação linguística que se percebe no falar de pessoas de diferentes regiões. As características regionais exploradas no texto manifestam-se

- na fonologia.
- no uso do léxico.
- no grau de formalidade.
- na organização sintática.
- na estruturação morfológica.

Os testes 06 a 08 se pautam nos fragmentos de depoimentos recolhidos pelo projeto *Juventudes contra Violência*, uma campanha contra a violência e o desrespeito aos direitos civis da população jovem de Belo Horizonte e cidades da região metropolitana. O projeto também visa à reinserção na sociedade de jovens que já foram condenados por delitos de menor gravidade e se encontram em regime de semiliberdade.

Leia os dois fragmentos e as afirmações abaixo feitas sobre eles para responder ao teste 06.

- Eu tive os meus direitos violados uma vez que entrei no ônibus e o motorista me perguntou se eu tinha o dinheiro da passagem porque eu estava com uma camisa do Bob Marley, de boné. Só porque eu estava com um estilo diferente das pessoas que estavam dentro do ônibus ele me discriminou. Então eu perguntei se ele perguntava a todas as pessoas se tinham dinheiro para a passagem e ele mesmo disse que não. Era comigo.  
– Jovem em regime de semiliberdade, Belo Horizonte
- Eu tive os meus direitos violados uma vez que entrei no supermercado e ia pegar uma barra de chocolate e então chegou um cara de terno e gravata e me perguntou se eu precisava de alguma coisa, e ficou me olhando, olhando minhas roupas, como se eu estivesse ali para roubar. Então eu

deixei o chocolate lá e disse pra ele que eu não precisava daquele supermercado, que tinham vários onde eu podia comprar. Mas a situação foi humilhante.

– Jovem em regime de semiliberdade, Belo Horizonte.

Fonte: <http://juventudescontraviolencia.org.br/apresentacao/depoimentos/>

- I. A aparência foi fator determinante, em ambos os textos, na maneira como os interlocutores foram tratados por outras pessoas.
- II. As ações realizadas pelos os autores dos depoimentos, por serem jovens e não se adequarem ao comportamento esperado, fizeram com que eles fossem tratados da maneira como esperavam nas experiências relatadas.
- III. Apenas no primeiro depoimento fica claro que o autor se sentiu desrespeitado na experiência vivenciada.

06. É(são) correta(s)

- a. I e III.
- b. somente I.
- c. I e II.
- d. II e III.
- e. todas.

Leia o texto 3 e o verbete adaptado para responder aos testes 07 e 08.

3. Eu tive os meus direitos violados quando eu fui enquadrado pelo artigo 157, e então eu fui falar com o meu advogado, que era público, porque eu não tinha dinheiro pra pagar, e ele me disse bem assim: “eu só tô te libertando porque o governo me paga, porque eu sou obrigado, porque senão você ia mofar na cadeia. Esse é o meu trabalho. Então não faz mais isso porque eu não vou tirar você de novo”. Isso foi humilhante!
- Jovem em regime de semiliberdade, Belo Horizonte

Artigo 157: “Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência”.

Fonte: <http://juventudescontraviolencia.org.br/apresentacao/depoimentos/>

**mofar** (mo.far)

v.

1. Encher(-se) de mofo [td. : A umidade mofou o casaco de couro] [int.: O casaco de couro mofou]
2. Fig. Ficar indefinidamente à espera ou na expectativa de algo, ou abandonado, esquecido [int. : Mofou um tempão esperando a amiga]
3. Permanecer durante muito tempo em determinado lugar ou posição, esp. por ser obrigado a isso [ta. : Mofou anos na prisão] [F.: mofo + -ar.]
4. Escarnecer, zombar [tr. + de : Mofar dos adversários] [F.: De or. *obsc.* Hom./Par.: mofo (1ap.s.)/ *mofo* /ô/ (s.m.).]

Fonte: Dicionário Aulete

07. Sobre o depoimento é **correto** afirmar que

- a. Um fator determinante da variação linguística empregada é o grupo social a que pertence o autor do texto.
- b. Percebe-se uma diferença entre o uso da linguagem empregada pelo interlocutor e a que ele reproduz na fala de seu advogado, que reflete o uso da norma culta.
- c. A fala reproduzida do advogado aproxima-se da linguagem popular, como se percebe com a mescla de pronomes pessoais de segunda e terceira pessoa.
- d. Na reprodução da fala do advogado, o verbo “mofar” se aproxima da acepção 4, uma vez que o advogado sugere que não irá ajudar novamente o interlocutor.
- e. Há uma marca de natureza morfológica em “pra” e outra sintática em “tô”.

Aluno(a)	Turma	N.o	<b>P 173002</b>
			p 7

08. Assinale a alternativa **incorreta**:

- "Mofou um tempão esperando a amiga" é um exemplo que ilustra o emprego da segunda acepção.
- São informações gramaticais relativas à morfologia "v." e "td".
- As indicações "tr.+ de" e "int." são relativas à sintaxe, pois indicam a forma de empregar o verbo ao se construir a oração.
- A indicação "Fig" é uma observação referente ao contexto de uso para determinada acepção.
- "Hom./Par.: mofo (...)/ mofo /ô/ (...)" são informações relativas à fonologia.

## Parte II: Questões dissertativas (valor: 3,6)

Leia o texto abaixo e o verbete adaptado para responder às questões 01 e 02.

### **Quem ri por último ri Millôr**

*Eu tinha 15 anos (...) era virgem e não via, diante da minha incompetência para com o sexo oposto, a mais remota possibilidade de reverter a situação.*

*Em algum momento entre a oitava série e o primeiro colegial, todos os meus colegas haviam adotado roupas diferentes, gírias, trejeitos ao falar e ao gesticular, mas eu continuava igual – era como se houvesse faltado na aula em que os estilos foram distribuídos e estivesse condenado a viver para sempre numa espécie de limbo social, feito de incertezas, celibato e moletom.*

*O mundo, antes um lugar com regras claras e uma razoável meritocracia, havia perdido o sentido: os bons meninos não ganhavam uma coroa de louros – nem ao menos, vá lá, uma loura coroa –, era preciso acordar às 6h15 para estudar química orgânica e os adultos ainda queriam me convencer de que aquela era a melhor fase da vida.*

*Claro, observando-os, era óbvia a razão da nostalgia: seres de calças bege e pager no cinto, que gastavam seus dias em papinhos de elevador, sem ambições maiores do que um carro novo, um requeijão com menos colesterol, o nome na moldura de funcionário do mês e ingressos para o Holiday on Ice no fim de semana.*

*(...) Foi então, meus caros, que eu vi a luz - e a luz veio na forma de um livro; "Trinta anos de mim mesmo", do Millôr Fernandes.*

*A primeira página que eu abri trazia um quadrado em branco, com a seguinte legenda: "Uma gaivota branca, trepada sobre um iglu branco, em cima de um monte branco. No céu, nuvens brancas esvoaçam e à direita aparecem duas árvores brancas com as flores brancas da primavera". (...) Mais pra frente, esta quadra: "Essa pressa leviana/ Demonstra o incompetente/ Por que fazer o mundo em sete dias/ Se tinha a eternidade pela frente?".*

*Lendo aquelas páginas, que reuniam o trabalho jornalístico do Millôr entre 1943 e 1973, compreendi que não estava sozinho em meu estranhamento: a vida era mesmo absurda, mas a resposta mais lógica para a falta de sentido não era o desespero, e sim o riso. Percebi, como se não bastasse, que se agregasse alguma graça aos meus resmungos poderia fazer daquele incômodo uma profissão. Dos 19 anos até hoje, jamais paguei uma conta de luz de outra forma.*

*(...).*

Antonio Prata. *Folha de S. Paulo*. 04/04/2012.

### **Coroa**

(co.ro.a) [ô]

sf.

- Ornamento circular que se usa sobre ou cingindo a cabeça como insígnia da realeza ou nobreza.
- p.ext. Ornamento similar us. como emblema de triunfo, distinção, ou como simples enfeite: coroa de louros
- Todo objeto que tem a forma aproximada de uma coroa
- Fig. Recompensa, prêmio; GALARDÃO: a coroa da vitória

5. Fig. Fecho, remate: A valsa dos noivos foi a coroa da festa.
6. A parte mais elevada de algo; CIMO; CUCURUTO; CUME
7. O reverso de uma moeda, opondo-se a cara
8. Arranjo circular de flores, vazado no centro, com que se homenageiam pessoas falecidas, no velório ou no enterro [Tb. coroa funerária.]
9. Bras. Gír. Pessoa de meia-idade ou idosa: O coroa assumiu a chefia.

[F.: Do gr. koróne, pelo lat. corona.]

Coroa de louros

- 1 Na antiguidade greco-romana, grinalda de folhas de louro com que se premiavam ações, criações, atuações meritórias. [Tb. apenas coroa. Tb. apenas louros.]
- 2 Prêmio, honra, glória.

Fonte: <http://www.aulete.com.br/coroe>

01. (valor: 1,2) Explique o sentido que as expressões “coroa de louros” e “loura coroa”, presentes no terceiro parágrafo, assumem no contexto da crônica.

---



---



---



---

02. (valor: 1,2) Complete coerentemente:

Os termos “louros” e “loura” classificam-se, morfologicamente, como

\_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_, já que, quanto ao critério sintático, o primeiro \_\_\_\_\_ e o segundo \_\_\_\_\_.

Leia o fragmento do conto abaixo para responder à questão 03.

### **Boca de Luar**

*Você tem boca de luar, disse o rapaz para a namorada, e a namorada riu, perguntou ao rapaz que espécie de boca é essa, o rapaz respondeu que é uma boca toda enluarada, de dentes muito alvos e leitosos, entende? Ela não entendeu bem e tornou a perguntar, desta vez que lua correspondia à sua boca, se era crescente, minguante, cheia ou nova. Ao que o rapaz disse que minguante não podia ser, nem crescente, nem nova, só podia ser lua cheia, uai.*

*Aí a moça disse que mineiro tem cada uma, onde é que viu boca de lua cheia, até parece boca cheia de lua, uma bobice.*

*O rapaz não gostou de ser chamada de bobice a sua invenção, exclamou meio espinhado que boca de luar, mesmo sendo boca de luar de lua cheia, é completamente diferente – insistiu: comple-ta-men-te – de boca cheia de lua; é uma imagem poética e daí isso não tem nada que ver com mineiro, ele até nem era propriamente mineiro, nasceu em Minas por acaso, seu pai era juiz de direito numa comarca de lá, mas viera do Rio Grande do Norte, depois o pai deixou a magistratura e se mudou para São Paulo, onde ele passou a infância, mudando-se finalmente para o Rio com a família.*

*Ah, disse a moça, você ficou zangado comigo, diga, ficouzinho? bobo, chamo de bobo como te chamo meu bem, fica nervosinho não, eu agora estou sentindo que o que você falou é uma graça, boca de luar é legal, olha aqui, vou te dar um beijo superluar, você quer?*

*Ele ensaiou uma cara de quem não quer ser beijado, mas os lábios da moça estavam já assumindo forma de beijo (...) como resistir?*



Aluno(a)	Turma	N.o	<b>P 173002</b>
			p 9

03. (valor: 1,2) A conversa entre os namorados, por ser marcada pela intimidade, apresenta muitas marcas de coloquialidade. Explique qual é a marca relacionada ao uso dos pronomes está presente no quarto parágrafo.

---



---



---



---



---

### Parte III: Produção textual (valor: 4.0)

Leia os fragmentos abaixo para produzir seu depoimento:

#### Fragmento I

##### Desculpe o transtorno, preciso falar da Clarice

*Conheci ela no jazz. Essa frase pode parecer romântica se você imaginar alguém tocando Cole Porter num subsolo esfumaçado de Nova York. Mas o jazz em questão era aquela aula de dança que todas as garotas faziam nos anos 1990 – onde ouvia-se tudo menos jazz. Ela fazia jazz. Minha irmã fazia jazz. Eu não fazia jazz mas ia buscar minha irmã no jazz. Ela estava lá. Dançando. Nunca vou me esquecer: a música era "You Oughta Know", da Alanis.*

*Quando as meninas se jogavam no chão, ela ficava no alto. Quando iam pra ponta dos pés, ela caía de joelhos. Quando se atiravam pro lado, trombavam com ela que se lançava pro lado oposto. Os olhos, sempre imensos e verdes, deixavam claro que ela não fazia ideia do que estava fazendo. Foi paixão à primeira vista. Só pra mim, acho.*

(...)

*Começamos a namorar quando ela tinha 20 e eu 23, mas parecia que a vida começava ali. Vimos todas as séries. Algumas várias vezes. Fizemos todas as receitas existentes de risoto. Queimamos algumas panelas de comida porque a conversa tava boa. Escolhemos móveis sem pesquisar se eles passavam pela porta. Escrevemos juntos séries, peças de teatro, filmes. Fizemos uma dúzia de amigos novos e junto com eles o Porta dos Fundos. Fizemos mais de 50 curtas só nós dois – acabei de contar. Sofremos com os haters, rimos com os shippers. Viajamos o mundo dividindo o fone de ouvido. Das dez músicas que mais gosto, sette foi ela que me mostrou. As outras três foi ela que compôs. Aprendi o que era feminismo e também o que era cisgênero, gas lighting, heteronormatividade, mansplaining e outras palavras que o Word tá sublinhando de vermelho porque o Word não teve a sorte de ser casado com ela.*

*Um dia, terminamos. E não foi fácil. Choramos mais que no final de "How I Met Your Mother". Mais que no começo de "Up". Até hoje, não tem um lugar que eu vá em que alguém não diga, em algum momento: cadê ela? Parece que, pra sempre, ela vai fazer falta. Se ao menos a gente tivesse tido um filho, eu penso. Levaria pra sempre ela comigo.*

(...)

## Fragmento II

*Portanto, só os ciclos eram eternos.*

*(Na prova oral de Aptidão à Faculdade de Letras, em Lisboa, o examinador fez uma pergunta ao futuro escritor. Este respondeu hesitantemente, iniciando com um portanto. De onde é o senhor?, perguntou o Professor, ao que o escritor respondeu de Angola. Logo vi que não sabia falar português; então desconhece que a palavra portanto só se utiliza como conclusão dum raciocínio? Assim mesmo, para pôr o examinando bem à vontade. Daí a raiva do autor que jurou um dia havia de escrever um livro iniciando por essa palavra. Promessa cumprida. E depois deste parêntesis, revelador de saudável rancor de trinta anos, esconde-se definitiva e prudentemente o autor). (...)*

Pepetela. *A geração da Utopia.*

O fragmento I é parte de uma crônica de Gregorio Duvivier, em que o autor relembra seu relacionamento com Clarice Falcão, relatando diferentes momentos do tempo em que passaram juntos e quando decidiram se separar. Para isso, inicia seu relato mostrando como conheceu Clarice Falcão, fazendo uma descrição de seu comportamento, um pouco fora de sintonia com as outras garotas da aula de dança, e de sua aparência que o atraíram desde o primeiro momento.

Já o fragmento II traz o relato do escritor Pepetela, ao modo de confissão, para justificar o porquê de iniciar seu romance de forma pouco usual. Neste relato, o autor relembra um episódio em que sua forma de falar e nacionalidade levaram-no a ser rapidamente classificado pelo avaliador da prova oral como alguém que desconhecia determinada regra da norma culta da língua portuguesa, deixando-o ainda mais desconfortável em uma situação em que já estaria nervoso desde o princípio.

A aparência, o comportamento e o uso que uma pessoa faz da linguagem são aspectos que contribuem para construir a nossa identidade ou para a construção da imagem que fazemos do outro. Muitas vezes, como se percebe nos fragmentos, estes aspectos podem interferir na maneira como alguém se relaciona com as pessoas ou na maneira como os outros a tratam, por serem aspectos que nos atraem ou que nos causam uma má impressão, justificada ou não. Isso faz com que as pessoas possam ser mais simpáticas e receptivas de um lado, ou, ao contrário, tratar alguém de forma ríspida e até preconceituosa.

Lembre-se de uma situação em que você tenha se deixado influenciar pela aparência, pelo comportamento e/ou pelo modo de falar de alguém, seja de forma positiva ou negativa. Ou ainda, um episódio em que sua aparência, comportamento e/ou modo de falar tenham feito com que as pessoas o tratassem de maneira peculiar, diferente. O que aconteceu? Você considerava a aparência/ o comportamento dessa pessoa adequada/o, atrativa/o? Ou o contrário? Ou você se sentiu maltratado ou bem tratado pela sua aparência ou jeito de agir? Como você se sentiu? Seu jeito de se comportar, falar ou sua aparência mudaram depois desse evento? Como? Ou não mudaram? Por que esse episódio se tornou marcante? Procure lembrar o ambiente, os objetos, as pessoas, os sons que fazem parte da recordação.

Com base nessas memórias, produza um depoimento escrito em primeira pessoa, em que se descrevam em detalhes as ações que foram vivenciadas por você. Selecione os fatos mais relevantes dessa experiência. Explore os sentimentos e sensações experimentados por você e não se esqueça de contextualizar o episódio, situando-o no tempo e no espaço. Imagine que o depoimento será publicado no blog da sala, para ser compartilhado com seus colegas.

[illegible]

## Folha de Respostas

Bimestre	Disciplina	Data da prova	<b>P 173002</b>
3.o	Estudos Linguísticos	12/09/2017	p 1

Aluno(a) / N.o / Turma

Assinatura do Aluno

Assinatura do Professor

Nota

### Parte I: Testes (valor: 2,4)

#### Quadro de Respostas

Obs.: 1. Faça marcas sólidas nas bolhas sem exceder os limites.

2. Rasura = Anulação.

	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
b.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
c.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
d.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
e.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

### Parte II: Questões dissertativas (valor: 3,6)

01. (valor: 1,2) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

02. (valor: 1,2)  
Os termos "louros" e "loura" classificam-se, morfologicamente, como  
\_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_, já que, quanto ao critério sintático, o primeiro  
\_\_\_\_\_ e o segundo  
\_\_\_\_\_.

03. (valor: 1,2) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

[illegible]

1. Adequação à proposta (0,2): \_\_\_\_\_
2. Caracterização do gênero textual (0,8): \_\_\_\_\_
3. Linguagem e expressão (1,0): \_\_\_\_\_
4. Sequência narrativa: coerência e verossimilhança (2,0): \_\_\_\_\_



## Parte I: Testes

### 01. Alternativa **c**.

Na tirinha, Cebolinha xinga sua colega Mônica, chamando atenção para as características físicas da menina, apresentando-as como pejorativas. A menina compreende o xingamento, apesar da pronúncia equivocada da palavra “gorducha”. Não é possível afirmar que o xingamento não tenha incomodado a personagem, uma vez que ela reage a eles, mesmo que de maneira inesperada. O conhecimento prévio sobre a relação dos personagens, em que é recorrente a interação em que a Mônica, depois de ser provocada pelo menino, acerta-o com um golpe de seu coelho de pelúcia, ajuda a compreender por que Cebolinha esperava uma reação agressiva da menina. Essa expectativa do menino também é indicada pelo contexto: o balão de pensamento sobre o coelho atribuído ao menino no segundo quadrinho e sua posição de defesa. Por isso, a mudança na reação da Mônica, que usa uma fita métrica para medir a altura e a barriga do colega, como se percebe a partir da linguagem não-verbal, constrói o humor da tirinha. Depois dessa ação, a afirmação “tem gente que não se enxerga mesmo” pode ser compreendida com o sentido de que o menino não reconhece nele próprio as características que considera pejorativas na menina.

### 02. Alternativa **d**.

As expressões enviadas pelos leitores como sugestões para o Museu das Invenções Cariocas pertencem ao repertório coloquial carioca (“caraca”, “vacilão”, “merrmão”, etc).

### 03. Alternativa **d**.

A paráfrase III atém-se mais às informações presentes no poema, reproduzindo o agradecimento do eu lírico ao espelho pelo realismo na reprodução da sua imagem, bem como sua sugestão de que, se o espelho captasse não só a imagem, mas também o que lhe passa internamente, seria capaz de perceber que as esperanças tolas e infantis, que o habitam, são o que sustentam o homem, isto é, fortalecem-no e mantêm-no firme. Já a II é uma síntese, pois não reproduz a cena do homem diante do espelho, nem suas falas, apenas apresenta as ideias sugeridas pelas imagens: as marcas exteriores da velhice – que podem ser captadas pelo espelho – não traduzem o homem internamente, ou seja, não refletem as esperanças ingênuas que este pode nutrir e muitas vezes o ajudam e o fortalecem. A paráfrase I não é um resumo do texto, já que não retoma os elementos da narrativa presente no poema, e é inadequada como síntese, uma vez que não apresenta uma interpretação adequada do texto.

### 04. Alternativa **b**.

A situação retratada na tirinha é inusitada. Nada justifica a generalização de que a ação retratada pela personagem seja um hábito, nem se pode afirmar que se apresentar ora em teatro, ora na rua, em andrajos, seja um hábito dos músicos. Geralmente, os que podem se apresentar em situações solenes não pedem esmolas nas calçadas.

### 05. Alternativa **a**.

A Fonologia é o ramo da Língua que estuda o sistema sonoro de um idioma. Ao comentar as variações que se percebem na pronúncia de pessoas de diferentes regiões (“Têm uns tês doces, quase um the; já nós, ásperos sertanejos, fazemos um duro au ou eu de todos os terminais em al ou el – carnavaú, Raqueu... Já os paraibanos trocam o l pelo r. José Américo só me chamava, afetuosamente, de Raquer”), a autora analisa as mudanças fonéticas características de cada região.

06. Alternativa **b**.

Ambos os depoimentos retratam a discriminação sofrida por jovens de Belo Horizonte baseada em sua aparência, como se percebe, no texto 1, com o fragmento “o motorista me perguntou se eu tinha o dinheiro da passagem porque eu estava com uma camisa do Bob Marley, de boné.” e no texto 2, “e então chegou um cara de terno e gravata e me perguntou se eu precisava de alguma coisa, e ficou me olhando, olhando minhas roupas, como se eu estivesse ali para roubar”. Por outro lado, os textos não mostram que o comportamento dos jovens foi de alguma maneira inadequado à situação vivida (o autor do primeiro texto queria pagar o ônibus e o do segundo, comprar uma barra de chocolate em um mercado), o que não esclarece por que foram tratados de maneira agressiva como relatado. Por fim, no texto 1, fica implícito que o autor se sentiu impactado pelo episódio vivido no trecho “Só porque eu estava com um estilo diferente das pessoas que estavam dentro do ônibus ele me discriminou.”. Já, no 2, o autor afirma ter se sentido humilhado – “foi humilhante”.

07. Alternativa **a**.

Do texto, depreende-se que o interlocutor é um jovem sem recursos financeiros para pagar um advogado particular. Com isso, percebe-se que o grupo social é um fator que influencia na variação linguística utilizada. Ao reproduzir a fala do advogado, o interlocutor não faz uso da norma padrão, como fica claro com o mescla de pronomes pessoais de segunda e terceira pessoa, o que se aproxima de uma linguagem coloquial (e não necessariamente popular). Além disso, o advogado utiliza o termo “mofar” para expressar o desejo de que o interlocutor passe muito tempo preso na cadeia, portanto, com um sentido próximo à acepção 3. Por fim, o termo “pra” e a expressão “tô te libertando” apresentam marcas de natureza fonológica e não sintática ou morfológica.

08. Alternativa **b**.

A informação “t.d” refere-se à transitividade do verbo, que, na acepção indicada, poderia ser utilizado como verbo transitivo direto, sendo acompanhado de um objeto direto, como aparece no exemplo “A umidade mofou o casaco de couro”. Dessa forma, é uma indicação de natureza sintática e não morfológica.

## Parte II: Questões

01. A expressão “coroa de louros” refere-se, no texto, ao reconhecimento público da ação responsável e ética do “bom menino” **ou** à valorização da postura séria pelos pares. Já “loura coroa” refere-se a uma mulher mais velha cujos cabelos seriam loiros, [conquista amorosa não realizada pelo narrador].
02. Os termos “louros” e “loura” classificam-se, morfologicamente, como **substantivo** e **adjetivo**, já que, quanto ao critério sintático, o primeiro **é núcleo do sintagma “de louros”** e o segundo **subordina-se ao substantivo “coroa”**.
03. O desvio sintático observado na fala transcrita é a falta de uniformidade de tratamento, visto que, na fala da personagem – a jovem –, embora fosse dirigida a um só interlocutor – o namorado –, foi utilizada tanto a segunda pessoa gramatical – percebida no pronome oblíquo “te”, quanto a terceira – no pronome de tratamento “você”.

## Parte III: Produção de texto

### Comentários

Para desenvolver a proposta, o aluno deveria abordar uma situação em que tenha se deixado influenciar pela aparência, pelo comportamento e/ou pelo modo de falar de alguém, seja de forma positiva ou negativa, ou um episódio em que sua aparência, comportamento e/ou modo de falar tenham feito com que as pessoas o tratassem de maneira peculiar. A partir desta recordação, deveria compor um depoimento de acordo com as características estudadas em sala para esse gênero. Dessa forma, os alunos deveriam apresentar, uma experiência pessoal, relatando um episódio em particular (que poderia ser acompanhado de uma série de eventos associada ao episódio selecionado) já ocorrido, situando-o no tempo e no espaço. Como um dos objetivos do depoimento é compor uma imagem precisa dos fatos, é importante que o texto apresente trechos descritivos de forma lógica e compreensível, para que o interlocutor apreenda não só a situação narrada como também as sensações e sentimentos suscitados no locutor. Para atingir o objetivo proposto, os alunos deveriam construir o depoimento com o uso da primeira pessoa do singular e narrar fatos anteriores ao momento da enunciação. Além disso, pode-se utilizar uma linguagem pessoal e subjetiva na construção do relato.

O texto será avaliado de acordo com os seguintes critérios:

01. **Adequação à proposta** – Este item avalia se o texto é adequado ao gênero textual depoimento, considerando a situação de produção estabelecida pela proposta (se o aluno é o locutor; se os colegas de sala são o público-alvo, se existe o relato de uma experiência pessoal; em que a aparência influenciou a maneira como a pessoa foi tratada e se o relato escrito poderia ser publicado no blog da sala).
02. **Caracterização do gênero textual** – Este item avalia se o aluno respeitou as características estudadas para o gênero depoimento: se o relato foi construído com o uso da primeira pessoa do singular; se o locutor é o protagonista (ou um dos protagonistas); se há o predomínio das tipologias narrativas e descritivas; se há o uso predominante dos verbos no pretérito para relatar o episódio escolhido; e há a exploração das sensações e/ou sentimentos vivenciados pelo locutor.
03. **Linguagem e expressão** – Neste item, observa-se a adequação da linguagem para um depoimento de um adolescente que relata uma experiência pessoal aos colegas de sua sala, por meio da publicação em um blog da turma. Dessa forma, o aluno pode empregar tanto uma linguagem mais formal, em que se empreguem recursos estilísticos similares aos que foram utilizados em textos literários trabalhados em sala, quanto uma linguagem em que estão presentes marcas de coloquialidade pertinentes à variação linguística usada por adolescentes ao se dirigirem aos seus pares.
04. **Sequência narrativa: coerência e verossimilhança** – Neste item, avalia-se se o depoimento contém ações verossímeis e se estas foram apresentadas de forma lógica e compreensível para o leitor (não necessariamente de forma linear). Além disso, observa-se se a contextualização feita ao longo do texto é suficiente para situar o(s) evento(s) no tempo e no espaço e estabelecer as relações entre as personagens envolvidas. Deve-se analisar, também, como foi explorada a subjetividade no relato das ações/fatos, avaliando se o aluno conseguiu apresentar as sensações e sentimentos de maneira aprofundada e expressiva, com o intuito de compartilhar com o leitor a experiência vivida.